

Interfaces entre as “inspirações” da Fenomenologia e a Psicoterapia.

Nascimento, C. L.¹

Reconhecida como uma das mais notáveis manifestações filosóficas do século XIX, a Fenomenologia formulada por Edmund Husserl desperta ainda grande interesse por parte de profissionais e pesquisadores dos mais diferentes campos do conhecimento. Em sua fase inicial, o projeto de Husserl foi acolhido na comunidade filosófica com um certo grau de ceticismo. As suas “Investigações Lógicas”, publicadas em 1900, provocaram uma revolução significativa, porém lenta, no pensamento filosófico alemão da época.

O caráter eminentemente abstrato e especulativo das primeiras formulações da fenomenologia dificultava tanto sua leitura como compreensão. Tendo as “Investigações” como obra base, Husserl encaminhou cinco anos mais tarde sua candidatura ao cargo de Professor Ordinário na Universidade de Göttingen. Foi rejeitado: “falta de interesse científico” foi a razão alegada pelo Conselho da Universidade. Fica patente, hoje, que a Comissão não entendeu o que leu, se é que o tenha conseguido fazer satisfatoriamente. No ano seguinte, entretanto, o filósofo obteve o cargo pleiteado.

No início de sua produção filosófica, encontramos Husserl preocupado com a questão do fundamento absoluto das ciências e com o ideal da Filosofia como ciência rigorosa, sendo a Fenomenologia, para ele, a filosofia capaz de cumprir essa tarefa de fundamentação das ciências. Nos últimos anos de sua vida, no entanto, ao se aproximar da idéia de “mundo da vida” (*lebenswelt*), revê a sua própria posição.

¹ Doutor em Educação, Mestre em psicologia, Psicólogo Clínico, Professor do IFEN e Professor do Instituto Superior de Ensino Anísio Teixeira.

Considerada por muitos como um mito e por tantos outros como uma moda, Merleau-Ponty afirma, no prefácio à sua Fenomenologia da Percepção, que é necessário compreender o prestígio e a origem desta corrente filosófica. Poderíamos dizer que a Fenomenologia se deixa praticar e reconhecer como maneira e estilo, e que já existia como postura e atitude muito antes de ter chegado à completa “consciência” filosófica.

Muito se tem escrito sobre a Fenomenologia. Tais produções, algumas delas de caráter fortemente crítico, não conseguem, muitas vezes, nem perceber a falha de sua argumentação, principalmente pela generalização, considerando como um sistema fechado de idéias como tantos outros já propostos. Deixam de perceber, assim, que ela é, antes de tudo, um “movimento”, um “caminho” que se lança em várias direções.

A reação provocada pelo projeto husserliano foi intensa, a ponto de levar Paul Ricouer, um dos mais eminentes fenomenólogos, a afirmar que a história da fenomenologia é a história de uma heterodoxia. Eugen Fink, aluno e último colaborador de Husserl considerou muito peculiar que todos os efeitos notados da fenomenologia não provêm de uma compreensão concreta, mas se sustentam sobre apropriações periféricas da obra de Husserl. As críticas contemporâneas não lograram, segundo Fink, compreender o verdadeiro sentido do projeto do filósofo alemão. Várias foram as etiquetas atribuídas à fenomenologia de Husserl: lógica, ciência eidética, teoria do conhecimento, idealismo, intuicionismo dogmático. Curiosamente, afirma Fink, cada uma dessas denominações pode encontrar algum fundamento em uma ou outra passagem da obra de Husserl. O sentido próprio central da fenomenologia permanece, no entanto, desconhecido com tais compreensões.

Diversos filósofos se inspiraram nas intuições de Husserl e em seu projeto, e teceram, com suas reflexões próprias, novos caminhos e compreensões para a

fenomenologia. Martin Heidegger, Merleau-Ponty e Paul Ricoeur, entre outros, foram alguns dos pensadores que se permitiram afetar por este “movimento”, que se situa no seio de uma tradição filosófica cujo eixo central é a dimensão contemplativa do homem. O primado do pensamento, enquanto sentido, remonta aos primórdios da filosofia grega, que afirmava a vida contemplativa como a mais eminente e a mais elevada. O saber foi, entretanto, ao longo da história ocidental, identificado como um projeto teórico. Tal teoria passou assim a se apresentar como um discurso racional.

A fenomenologia, desde Husserl até os seus desdobramentos atuais, pode se apresentar como fértil contribuição às Ciências Humanas, como estas também contribuem com o pensar fenomenológico.

“O problema das ciências humanas não é subsidiário ao pensamento fenomenológico. Pode-se dizer ao contrário, que em certo sentido, se encontra no seu centro. Com efeito, é a partir da crise do psicologismo, do sociologismo e do historicismo que Husserl empreende a tentativa de restituir a validade à ciência em geral e às ciências humanas”. (Lyotard, 1967).

Muitos profissionais e pesquisadores, sobretudo no âmbito das ciências humanas, têm, com efeito, buscado na fenomenologia um suporte, uma inspiração, subsídios metodológicos ou, até mesmo, um parceiro de diálogo, visando a auto-reflexão crítica, responsável pelo clima de maior rigor nas investigações e compreensão da realidade.

A obra de Edmund Husserl criou toda uma revolução nas perspectivas de produção do conhecimento na Civilização Ocidental. Husserl partiu de uma crítica da metafísica, e de

uma crítica do positivismo, para constituir uma abordagem epistemológica e uma ontologia fundamentadas não em pressupostos teóricos mas na própria vivência de consciência pré-reflexiva do sujeito cognoscente, em sua correlação intrínseca com o mundo. Elege assim a vivência de consciência pré-reflexiva do sujeito cognoscente como o critério de produção do conhecimento.

Esta postura de Husserl tem efeitos imediatos na psicologia e, em particular, na psicoterapia, criando junto com as posturas existencialistas uma alternativa aos modelos psicanalíticos e comportamentais. Todo um conjunto de abordagens psicológicas e psicoterápicas originais desenvolver-se-ão a partir da perspectiva da fenomenologia, conjugadas com as perspectivas do existencialismo, como por exemplo, a Psicologia da Gestalt, desenvolvida pelos alemães W. Kohler, K. Koffka e M. Wertheimer. Emerge assim, também, a busca do desenvolvimento de uma psicologia fenomenológica, servindo assim como importante suporte para o desenvolvimento de linhas de psicologia e psicoterapia fenomenológico existenciais.

Estas psicologias e psicoterapias vão ter fundamentalmente, como método, a valorização de uma atitude fenomenológica, e mesmo como objetivo o desenvolvimento da habitualidade de uma atitude fenomenológica. Como pano de fundo estará sempre o pressuposto de que o exercício de uma atitude fenomenológica pode em muito contribuir para a ampliação de um repertório de possibilidades existenciais, fato este relevante para uma possível descaracterização de um quadro de distúrbios (e aqui podemos pensar também os chamados traumas), que têm toda a sua constituição de sentido enrijecida quão mais imerso se esteja na atitude natural que se leva a perceber tal quadro de referência como verdade única.

Uma epistemologia e uma ontologia fenomenológicas, e uma afirmação existencial da vivência de consciência, do vivido, passam a constituir-se, assim, como um eixo fundamental das abordagens fenomenológico-existenciais em psicologia e psicoterapia. À medida em que a psicologia e a psicoterapia vão ganhando colorações francamente fenomenológicas e existenciais, desenvolve-se um questionamento acerca do papel e da auto-concepção do psicólogo e do psicoterapeuta. Este papel e auto-concepção passam por uma crítica severa, e pela redefinição de sua relação com o cliente. O psicólogo e o psicoterapeuta já não podiam ser mais um ser ou um agente meramente objetivista ou metafísico. Nesta linha, o psicoterapeuta fenomenológico-existencial inglês Ronald Laing diria, tempos depois: "Ninguém encontrará a pessoas estudando-as meramente como objetos..." Ampliava-se assim a questão em seus fundamentos. Ele não falava meramente dos clientes, falava igualmente dos profissionais. Se o cliente não é meramente objeto, o psicólogo, o psicoterapeuta, igualmente, não são meramente sujeitos. Muito menos sujeitos técnicos, que aplicam uma certa tecnologia sobre os clientes, ou supostos objetos de conhecimento e de intervenção.

Freud ainda era vivo quando a fenomenologia e o existencialismo começaram a invadir certos segmentos do movimento psicanalítico. Isto ocorreu tanto na Alemanha, como na Suíça, como na França e nos Estados Unidos. Alguns psicanalistas começaram a ser influenciados pelas perspectivas da fenomenologia, de Heidegger, da filosofia da vida de F. Nietzsche e do existencialismo de S. Kierkegaard, e passaram a criticar os aspectos deterministas e biologizantes, e o papel fortemente tecnicista do terapeuta na concepção psicanalítica. Foram os primeiros psicoterapeutas fenomenológico existenciais formais de que se tem notícia. Ludwig Binswanger fundou um instituto de Psicanálise na Suíça, era

bastante próximo de Freud, e assim continuou. Mas desviou-se dos conceitos psicanalíticos e desenvolveu uma abordagem ligada às perspectivas fenomenológicas e existenciais de Heidegger, e que tinha como interesse fundamental não a análise no sentido psicanalítico do termo, mas a análise da estrutura da existência do cliente em sua facticidade e afetividade próprias. E. Minkovski e M. Boss foram outros expoentes deste momento pioneiro do desenvolvimento das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais.

Quanto à pertinência de uma fértil colaboração da fenomenologia na psicoterapia na atualidade, pensamos que em nenhuma outra época o homem foi tão ligado, dependente, identificado e produtor da técnica como o é neste início de século. A sedutora aura do determinismo causal encontra-se profundamente dissimulada dispendo dos encantadores sistemas interpretativos que “explicam” a realidade, neste caso, o comportamento dos clientes. Com inspiração fenomenológica, diríamos que a psicoterapia tem como objetivo geral a tematização e apropriação reflexiva do “projeto” do paciente por ele próprio. Num “distúrbio” psicológico, podemos dizer que ocorre uma restrição, em maior ou menor grau, da abertura ao sentido.

As questões trazidas para a terapia decorrem de um aprisionamento em identificações a possibilidades de “ser” que se tornaram rígidas, unilaterais, impedindo uma atualização singular da liberdade de correspondência ao apelo do sentido a ser revelado na existência. Banhadas nas águas da atitude fenomenológica, que é suscitada pelo exercício da suspensão do juízo de valor (*epoché*) sobre tais sentidos isomorfizados, a “escuta” e as “intervenções”, que se realizam na terapia, buscam suscitar questionamentos que possibilitem a abertura a outras possibilidades de ser.

Frente à *coisificação* tecnicista imposta aos campos da psicologia e da psicoterapia modernas que, com frequência, ousam explicar, aprioristicamente, os sofrimentos e desatinos existenciais com os quais se/nos deparamos, paradigmaticamente por uma estruturação ou código intelectualmente constituído, interessou-nos aqui destacar a interlocução da psicologia, em sua dimensão clínica, com a fenomenologia husserliana e seus posteriores desdobramentos filosóficos, referenciando-nos fundamentalmente pela pedra angular do pensamento fenomenológico que é a atitude fenomenológica ou *epoché*. Acreditamos que, na sua originária volta ao que é efetivamente vivido, ou o *retorno às coisas mesmas*, a fenomenologia tem muito a contribuir no campo da psicoterapia. Tal contribuição se essencializa a partir de uma mudança de postura. Da atitude natural, onde vivemos espontaneamente e consideramos as coisas, inclusive nós mesmos e as outras pessoas, como existentes em si, para uma atitude que explicita tal pré-compreensão e, por conseguinte, abre espaço para uma relação de maior liberdade com a dimensão significativa e intencional que permeia nossas relações cotidianas de sentido, elucidando a pertinência e os proveitos da interlocução entre a fenomenologia e a psicoterapia.

Bibliografia:

DARTIGUES, A., *O Que é a Fenomenologia?* Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Ltda, 1973.

FRAGATA, J., *A Fenomenologia de Husserl*. Braga: Livraria Cruz, 1959.

HUSSERL, E., *A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia*. Porto Alegre: EdipucRS, 2002.

_____. *A Idéia da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1986.

LAING, R. D., *a Psiquiatria em Questão*. Porto: Ed. Presença, 1972.

LYOTARD, J. F., *A Fenomenologia*. São Paulo: Ed. Difusão Européia do Livro, 1967.

MARCONDES, D., *Introdução à História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MERLEAU-PONTY, M., *Ciências do Homem e Fenomenologia*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1973.

PENNA, A. G., *Introdução à Psicologia Fenomenológica*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.

RICOEUR, P. *Sobre a Fenomenologia*. Esprit, 1953.